

# O CONCEITO DE HOMEM QUE FUNDAMENTA A CRÍTICA DE HEIDEGGER À FREUD: INVESTIGAÇÕES SOBRE O ENTENDIMENTO DO HOMEM ENQUANTO *DASEIN*.

**Vitor Duarte Ferreira 1; Caroline Vasconcelos Ribeiro 2**

1: Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [vdfisica@yahoo.com.br](mailto:vdfisica@yahoo.com.br)

2: Orientadora: Dr<sup>a</sup> Caroline Vasconcelos Ribeiro, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [carolinevasconcelos@hotmail.com](mailto:carolinevasconcelos@hotmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Dasein, Freud, Heidegger.

## INTRODUÇÃO

A presente comunicação visa compartilhar objetivos e resultados oriundos da pesquisa, concluída em agosto de 2013, intitulada **O conceito de homem que fundamenta a crítica de Heidegger à Freud: investigações sobre o entendimento do homem enquanto *Dasein***, na modalidade PIBIC/CNPq, na Universidade Estadual de Feira de Santana. O pleito geral dessa pesquisa consistiu no estudo sistemático de alguns textos de Freud confrontados com o pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger, especialmente as teses expressas em sua obra *Seminários de Zollikon* (2009a). Nessa obra, Heidegger problematiza os fundamentos ontológicos de alguns conceitos utilizados pelo pai da psicanálise. O objetivo do plano de trabalho que desenvolvemos implicou no exame do conceito heideggeriano de homem – entendido como *Dasein* (ser-aí) – e na investigação sobre a maneira como tal conceito sustenta a crítica de Heidegger à concepção freudiana de homem como um aparelho psíquico movido por forças pulsionais.

Ao inaugurar um novo modo de conceber o homem, Heidegger rompe com a tradição moderna que o entende como sujeito (*subiectum*). Segundo o filósofo alemão, antes de Descartes, a palavra *subiectum* podia se referir a qualquer ente que fosse pré-jacente e subsistisse como base para propriedades constantes. A partir de Descartes, afirma Heidegger (2007), o *ego cogito* se torna o *subiectum* por excelência, ou seja, o sujeito puramente pensante torna-se o fundamento em relação ao qual todas as coisas podem ser determinadas. Sob tal perspectiva, o mundo passa a ser reduzido a um conjunto de objetos acessíveis apenas por via de representação subjetiva e por métodos físico-matemáticos. Com o intuito de escapar de categorias tradicionalmente destinadas ao homem, tais como sujeito, pessoa, espírito, consciência, Heidegger (1973b) escolhe o termo *Dasein* (ser-aí) para nomear a referência fundamental do homem à abertura (“aí”) do ser enquanto tal. Como lembra Casanova (2010), o *Dasein*, na medida em que existe, descerra (abre) um campo ou horizonte de sentidos que permite aos entes virem ao seu encontro. Este horizonte de sentidos constitui a abertura do ser-aí e é justamente nesta abertura, como campo de “manifestação” dos entes, que se dá a pré-compreensão do ser em sua relação com os entes que vêm ao encontro.

De posse do conceito de homem enquanto *Dasein*, Heidegger voltou-se para a psicanálise de Freud. Na obra *Seminários de Zollikon* o filósofo nos faz compreender que, ainda que Freud tenha postulado uma instância inconsciente para o “aparelho psíquico” do homem, o seu modo de acessar ontologicamente este ente ainda está firmemente vinculado ao “solo” metafísico da modernidade. Em sua investigação acerca da psique humana, Freud se serviu de

procedimentos inspirados na física em voga, estabelecendo analogias com “aparelhos” e “máquinas”.

Ao contrário de uma concepção muito difundida, segundo a qual a psicanálise freudiana seria uma teoria que rompe com a modernidade, Heidegger irá afirmar que a parte especulativa da ciência freudiana – a metapsicologia – consiste numa transposição da filosofia neokantiana e dos preceitos das ciências da natureza para o homem. Por um lado – assevera Heidegger (2009a, p. 247) –, Freud teve a base metodológica das ciências naturais e, por outro, a teoria kantiana da objetividade. Nossa tarefa nessa pesquisa consistiu em tentar esclarecer essa herança moderna no interior da psicanálise inaugurada por Sigmund Freud. A essa tarefa, se articulou a investigação acerca do modo como Heidegger pensa o homem e da maneira como sua concepção de homem lhe municia para questionar a visão freudiana do aparelho psíquico.

Almejamos, com nossa comunicação, apontar que o conceito heideggeriano de *Dasein* se opõe à concepção freudiana de homem, uma vez que esta última objetifica e “naturaliza” este ente, ancorando-se na perspectiva das ciências naturais. Pleiteamos apresentar este debate entre a filosofia de Martin Heidegger e a psicanálise freudiana, contrapondo, nesta comunicação, distintas concepções de homem.

## **MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

O plano de trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica, concentrada nas fontes escritas de autores e comentadores envolvidos com o tema. A tarefa principal da primeira fase da pesquisa consistiu na leitura, análise e problematização das obras do filósofo Martin Heidegger, numa tentativa de apropriação dos conceitos heideggerianos em fontes primárias. A partir da obra *Ser e Tempo* (2005) distinguimos a noção de “existência” (*ek-sistencia*), inaugurada nesse tratado, daquela estabelecida pela ontologia clássica (*existentia*). Em seguida, examinamos os modos mais primordiais da relação do *Dasein* com o mundo em contraposição com o tipo de relação dualista sujeito-objeto, instituída pela filosofia moderna. Para tanto, nos servimos das obras heideggerianas: *Que é isto – a filosofia?* (1973a), *Que é metafísica?* (1973b), *Ciência e pensamento de sentido* (2006), *Sobre o humanismo* (2009b) e *Nietzsche II* (2007). Com o intuito de esclarecer e aprofundar conceitos inaugurados por Heidegger, utilizamos como suporte bibliográfico o *Dicionário Heidegger* de M. Inwood (2002) e obras dos seguintes comentadores: Casanova (2010), Zarader (1990), Pöggeler (2001), Steiner (1978) e Dubois (2004).

A partir da análise sistemática da obra *Seminários de Zollikon* (2009a), elencamos as teses e críticas de Heidegger em relação à psicanálise freudiana, especialmente à metapsicologia. Uma vez esclarecida a natureza dessa crítica, iniciamos o exame das concepções dadas por Freud ao psiquismo. Para tanto, estudamos a obra *A interpretação dos Sonhos* (Freud, 1996a), Cotejamos o estudo dessa obra com o comentário rigoroso realizado por Garcia-Roza (2009) em seu livro *Freud e o Inconsciente*. A partir da leitura do livro *Freud: o movimento de um pensamento* (Monzani, 1989), sistematizamos uma discussão sobre o modo como epistemólogos da psicanálise abordaram o conceito freudiano de aparelho psíquico. Depois passamos a examinar os seguintes textos de Freud: *Esboço de psicanálise* (1996b), *Algumas lições elementares de psicanálise* (1996c), *Um exemplo de trabalho psicanalítico* (1996d) e *Três ensaios sobre sexualidade* (1996e) e *A pulsão e seus destinos* (1996f). Por fim, confrontamos as concepções de homem desenvolvidas por Freud e Heidegger, averiguando o fundamento das críticas do segundo ao primeiro, com o auxílio de comentadores e epistemólogos da psicanálise, tais como Garcia-Roza (2009), Assoun (1983), Monzani (1989), Fulgencio (2000; 2008) e Loparic (2003; 2005; 2008).

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

O resultado inicial alcançado consistiu na análise e sistematização de alguns conceitos heideggerianos relacionados ao termo *Dasein*, como existência, essência, ser-no-mundo, compreensão e existenciais, os quais fundamentam a concepção de homem inaugurada pelo filósofo e distingue-a das concepções “encapsuladas” legadas pela tradição, especialmente a noção moderna de sujeito. Fizemos uma contraposição entre a clássica dicotomia sujeito-objeto e os modos de relação do *Dasein* com o mundo e constatamos que as relações representacionais de conhecimento são derivadas de um modo mais primitivo de o homem ser-no-mundo: a ocupação com os entes intramundanos. Estabelecido o conceito de *Dasein*, avaliamos as críticas de Heidegger à psicanálise, expostas na obra *Seminários de Zollikon*. Problematizamos, com Heidegger, os pressupostos ontológicos subjacentes ao arcabouço da psicanálise, especialmente em sua parte especulativa: a metapsicologia. Vimos que os conceitos especulativos da teoria freudiana – tais como pulsão, inconsciente, aparelho psíquico – são convenções sem referência empírica, construídas no solo do programa kantiano para as ciências da natureza. Como resultado de nossa investigação apontamos a constatação de que essas convenções, com valor heurístico, não impugnam a cientificidade natural da psicanálise, ao contrário, lhe asseguram essa identidade. A partir da análise de algumas obras de Freud – como *A Interpretação do sonho*, *A pulsão e seus destinos*, *Esboços de psicanálise*, *Algumas lições elementares de psicanálise* – verificamos a presença de uma semântica e de uma metodologia inspirada nas ciências da natureza. O emprego de termos como “força”, “quantidade de força”, “trabalho”, “impulso”, “pressão”, “aparelho”, “fator motor”, “princípio de constância”, confirmam a afinidade freudiana com a física. Em nossa conclusão constatamos que, tal como a física trabalha com construtos teóricos (força, trabalho, energia), a metapsicologia freudiana trabalha com convenções especulativas (inconsciente, aparelho psíquico, pulsão, repressão). Além disso, podemos perceber que o uso freudiano de analogias com máquinas e objetos coaduna com sua postura fisicalista frente à categorização do ente humano. Daí a dificuldade em se afirmar que o pai da psicanálise rompe com a herança deixada pela filosofia moderna. Por fim, o resultado primordial que alcançamos com nossa pesquisa consiste no esclarecimento de que a forma como Heidegger concebe o homem (*Dasein*) não só fundamenta a sua crítica à noção freudiana de aparelho psíquico, movido por forças com equivalência físico-química, como é incompatível com o modo como esse psicanalista aborda o humano.

## **REFERÊNCIAS**

- ASSOUN, P. **Introdução à epistemologia freudiana**. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- FREUD, S. “A interpretação dos sonhos”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. Vol. V.
- FREUD, S. “Esboço de psicanálise”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. Vol. XXIII.
- FREUD, S. “Algumas lições elementares de psicanálise”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c. Vol. XXIII.
- FREUD, S. “Um exemplo de trabalho psicanalítico”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: Imago Editora, 1996d. Vol. XXIII.
- FREUD, S. “Três ensaios sobre sexualidade”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e. Vol. VII.

FREUD, S. “A pulsão e seus destinos”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996f. Vol. XIV.

FULGENCIO, L. **Convocação para a fundação de uma "Sociedade para a Filosofia Positivista"**. Revista: *Natureza humana*, vol.2, n.2, 2000.

FULGENCIO, Leopoldo. **O método especulativo em Freud**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente, v. 1**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

HEIDEGGER, M. “Ciência e pensamento do sentido”. In: **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

HEIDEGGER, M. “Que é isto – a filosofia?”. In: **Conferências e escritos filosóficos**. (Coleção Os pensadores). Tradução Ernildo Stein. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973a.

HEIDEGGER, M. “Que é metafísica?”. In: **Conferências e escritos filosóficos**. (Coleção Os pensadores). Tradução Ernildo Stein. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973b.

HEIDEGGER, M. **Nietzsche II / Martin Heidegger**. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Tradução Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: EDUC; Petrópolis (RJ): Vozes, 2009a.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, M. **Sobre o humanismo**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2009b.

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Tradução de Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOPARIC, Z. “A máquina no Homem”. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R. (org). **Freud na Filosofia Brasileira**. São Paulo: Escuta, 2005.

LOPARIC, Z. “As duas metafísicas de Kant”. In: **Kant e-prints**, vol 2, n 5. 2003.

LOPARIC, Zeljko. “A metafísica e o processo de objetificação”. In: **Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**. São Paulo: EDUC, v. 10, n. 2, dez. 2008.

MONZANI, R. L. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

CASANOVA, M. **Compreender Heidegger**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Série Compreender)

DUBOIS, C. **Heidegger: introdução a uma leitura**. Tradução Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PÖGELLER, O. **A via do pensamento de Martin Heidegger**. Tradução Jorge Teles de Menezes. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2001.

STEINER, G. **As ideias de Heidegger**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1978.

ZARADER, Marlène. **Heidegger e as palavras da origem**. Tradução João Duarte. Instituto Piaget: Lisboa, 1990.